

AGIR

PELOS DIREITOS HUMANOS

OS DESAFIOS DOS DIREITOS HUMANOS NO DESPORTO

BOAS NOTÍCIAS

Tanaice Neutro
libertado

ATIVISMO

O legado
de uma herança

ENTREVISTA

Rostos que fazem
a diferença

NESTA EDIÇÃO:

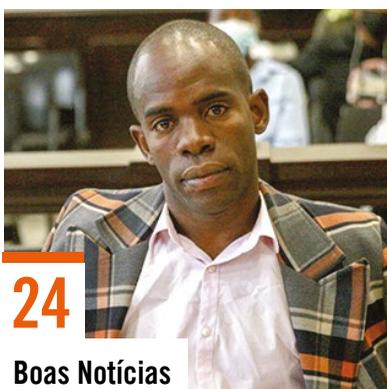


Foto de capa:
© Zach Wear

FICHA TÉCNICA

Propriedade: Amnistia Internacional Portugal

Diretor: Pedro A. Neto

Equipa Editorial:

Direção - Paulo Fontes

Coordenação - Vítor Hugo Carmo

Grafismo - Paulo Tavares

Paginação - César Rodrigues

Revisão: José Alexandre Silva e Guilherme Malaquias

Impressão: Gráfica Central de Almeirim, Lda.

**AMNISTIA
INTERNACIONAL**



CONTACTOS

Amnistia Internacional Portugal

Rua dos Remolares, 7 - 2.º

1200-370 Lisboa

aiportugal@amnistia.pt

revista@amnistia.pt



www.amnistia.pt



facebook.com/amnistiapt



twitter.com/AmnistiaPT



instagram.com/amnistiapt

Os artigos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus signatários. Excluída de Registo pela ERC

EDITORIAL

VÍTOR HUGO CARMO

Coordenador Editorial

Direitos Humanos com desportivismo

O Desporto apresenta vários pontos em comum com os Direitos Humanos, já que defende o respeito pelo outro, a igualdade e a equidade, fomenta a Justiça e o cumprimento de normas, fomenta o espírito de equipa e o trabalho conjunto por um bem comum, tem regras reconhecidas a nível mundial e existem pessoas e entidades cuja função é gerir “o jogo” e fazê-lo cumprir as regras.

Contudo, temos assistido a situações em que são potenciados comportamentos, práticas e ideais que contrariam totalmente o fundamento dos mesmos: racismo, discriminação, ameaças à integridade física, discurso de ódio e tráfico humano.

Apresentamos os desafios dos Direitos Humanos no Desporto levantando o véu dos temas da nova edição da revista Humanista, já disponível em banca, que retrata em destaque o tráfico de seres humanos de futebol, através de uma grande reportagem de investigação que durou cerca de quatro meses.

Um exemplo de educação para os valores humanos é também recordado com a campanha de 2020 da Amnistia Internacional Portugal, em parceria com a Federação Portuguesa de Futebol e outras entidades, o projeto intitulado “Eu Jogo Pelos Direitos Humanos”. Assistindo-se a grandes desafios no que toca à igualdade e identidade de género, analisamos a inclusão das mulheres e da comunidade LGBTI+ no desporto, que muitas vezes enfrentam barreiras em termos de acesso, reconhecimento e financiamento em várias modalidades desportivas.

Numa altura em que o Encontro de Jovens Ativistas volta a ser um dos momentos marcantes da atividade da Amnistia Internacional Portugal, dois jovens testemunham a sua vivência num encontro que continua a ser de referência no ativismo.

Continuamos também a dar voz aos nossos membros e apoiantes com a uma edição da rubrica “Rostos do Ativismo”.

Boas leituras, com desportivismo!



CALENDÁRIO DE ATIVISMO

JULHO

18

Dia Internacional de **Nelson Mandela**

30

Dia Mundial contra o **Tráfico de Seres Humanos**

AGOSTO

9

Dia Internacional dos **Povos Indígenas do Mundo**

31

Dia Internacional das **Vítimas de Desaparecimentos Forçados**

SETEMBRO

21

Dia Internacional da **Paz**

28

Dia Internacional para o **Acesso Universal à Informação**



Nos quatro anos de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, entre 2019 e 2022, pelo menos 169 defensores dos Direitos Humanos foram assassinados no Brasil.

O trágico balanço foi divulgado em junho por duas entidades, a Justiça Global e a Terra de Direitos, responsáveis pelo levantamento, que citam 1171 violações de vários Direitos Humanos confirmadas nesse período, entre elas ameaças e agressões.

Do total das vítimas fatais, quase um terço, 50, eram ativistas dos direitos dos indígenas, uma das parcelas da população brasileira mais hostilizadas no governo de Bolsonaro, nomeadamente através do incentivo à mineração de ouro em terras indígenas, ao incentivo ao avanço da agricultura e da pecuária em áreas da Amazônia ainda preservadas, e à ausência da presença do Estado, seja a polícia, as Forças Armadas ou a fiscalização ambiental, nessas imensas regiões.

Depois dos indígenas, que correspondem a 29,6% das pessoas assassinadas por defenderem os seus direitos, o grupo que teve mais ativistas executados foi o dos defensores dos direitos dos negros, com 17,8% dos mortos, que tinham em média 41 anos.

O DESPORTO EM JOGO PELOS DIREITOS HUMANOS

A 3ª edição da revista **Humanista**, já disponível em banca, desvenda os desafios dos direitos humanos no desporto, traçando um retrato da atualidade em Portugal, e abordando temas como o racismo, a igualdade de género e a evolução do desporto adaptado. Uma investigação da Humanista, realizada durante cerca de quatro meses, perfila ainda a atuação de uma rede de tráfico de seres humanos que provocou vítimas de norte a sul do país. A nível internacional, a Humanista viajou até à Ucrânia para apresentar uma reportagem sobre a população que continua a praticar desporto em tempo de guerra. Saiba tudo sobre a mais recente edição da Humanista, à venda numa banca perto de si, ou que pode, comodamente, subscrever e receber em casa.



© Maria João Gala

“O SILÊNCIO TAMBÉM É RACISMO”: OS INSULTOS E A SUA NORMALIZAÇÃO

Os ataques, as ofensas, a opressão e a desumanização. Quatro atletas de alta competição de diferentes modalidades, como Jéssica Silva, capitã da seleção nacional feminina de futebol, falam dos insultos racistas de que foram vítimas.



© Paulo Pimenta

GRANDE REPORTAGEM: TRAFICANTES DE SONHOS

Uma investigação da Revista Humanista ao longo de cerca de quatro meses ouviu dezenas de fontes e de instituições em Portugal e no estrangeiro sobre o tráfico de seres humanos no futebol. Recolheu casos distintos do mesmo fenómeno, detetou padrões e ligações entre intervenientes. Há quase 300 vítimas sinalizadas em cinco anos, mas os apanhados nas redes dos traficantes são cada vez em maior número. E as malhas mais densas.

IGUALDADE. JUSTIÇA. RESPEITO.

O desporto no feminino e o caminho para a igualdade de condições e oportunidades, numa reportagem que conta com o testemunho de várias atletas. A balança continua desequilibrada e a desigualdade mostra-se em números com base em estatísticas oficiais.



UMA PAIXÃO QUE NEM A BURCA ESCONDE

O fotojornalista Ebrahim Noroozi, da agência Associated Press, fez um retrato de várias desportistas a usar burca em Cabul. Todas reivindicam o direito a praticar desporto, interdito às mulheres desde setembro de 2021.

MENTE SÃ, CORPO SÃO EM TEMPOS DE GUERRA

Numa época de sobrevivência física e psicológica a uma guerra brutal que a Federação Russa leva a cabo na Ucrânia, o desporto, não sendo a solução, é um antídoto precioso para suportar o novo normal, em que ataques com drones e mísseis, explosões e funerais fazem parte do quotidiano ucraniano. Saiba como sobrevivem alguns ucranianos à guerra através do desporto, numa reportagem feita em várias cidades da Ucrânia.



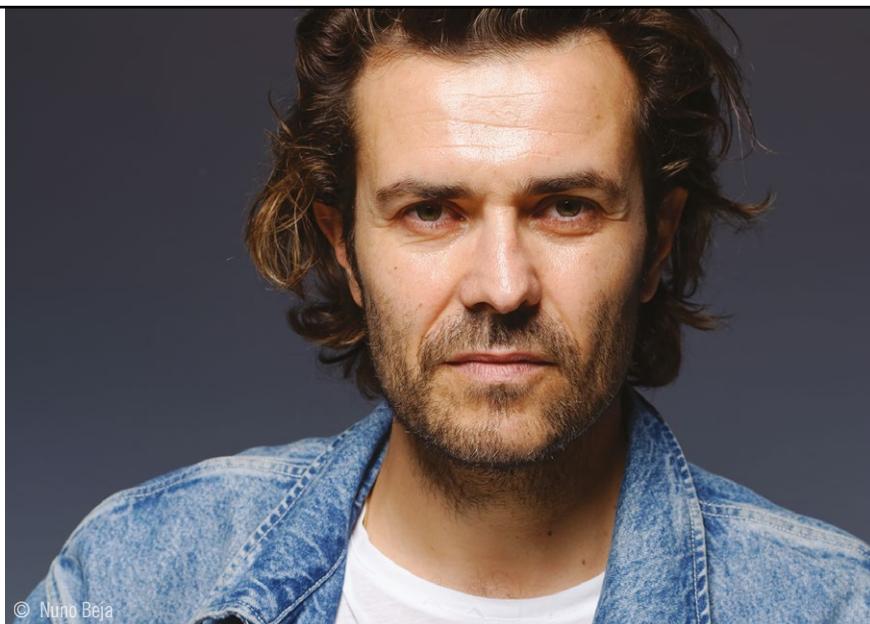


ATÉ QUANDO VAI O LADO MAIS PURO DO DESPORTO RESISTIR À VIOLÊNCIA?

Com mais de 250 mil jovens atletas federados em Portugal, há uma obrigação coletiva para que o desporto de formação seja a caixa-forte dos bons valores que queremos deixar às novas gerações. Mas essa missão continua ensombrada por casos de violência, física e psicológica, que com demasiada frequência entram no fio noticioso. Fomos perceber que palavras como agressão, conflito, ansiedade ou racismo ainda mancham o léxico deste lado mais puro do desporto, com relatos que podem impressionar, mas que, sobretudo, devem levar a uma profunda reflexão tendo a família como peça central.

CRÓNICAS, O FUTEBOL REBELDE COM CAUSA E A FICÇÃO DE FRANCISCO GERALDES

A 3ª edição da Humanista conta ainda com crónicas de figuras como o comentador desportivo Luís Freitas Lobo, que aborda a história de vários jogadores e jogadoras de futebol ativistas, ou do ator Albano Jerónimo, que apresenta a sua opinião sobre a igualdade de género. Francisco Geraldes, jogador de futebol profissional, publica um texto ficcional. Uma história para ler na Humanista.



OS CAMPEÕES DO DESPORTO ADAPTADO E AS BARREIRAS POR VENCER

A Marta é cega e bicampeã mundial de surf adaptado. Na equipa de basquetebol em cadeira de rodas da APD Lisboa, há atletas amputados, paraplégicos, com espinha bífida e paralisia cerebral. A surdez da Joana nunca impediu a campeã surdolímpica de judo de competir também com ouvintes. Telmo treina todos os dias para chegar aos Paralímpicos de Paris2024, na modalidade de ciclismo adaptado. Eles ultrapassaram todas as barreiras, mas o desporto adaptado em Portugal ainda é uma corrida de fundo.



© Forough Alaei

PORTEFÓLIO: CRYING FOR FREEDOM

No Irão, há restrições à entrada de mulheres nos estádios de futebol desde 1979. A fotógrafa iraniana Forough Alaei documentou a história da jovem Zeinab, que muitas vezes se disfarçou de homem para poder assistir a jogos de futebol. A 10 de novembro de 2018 uma seleção de mulheres foi autorizada a entrar pela primeira vez num estádio para assistirem a um jogo de futebol, mas muitas outras foram barradas. Crying for Freedom valeu a Forough Alaei o prémio World Press Photo de 2019 na categoria de desporto.

ACADEMIA DO JOHNSON

O fotógrafo Mário Cruz apresenta um portefólio documental em exclusivo para a revista Humanista sobre a Academia do Johnson, uma Organização Não Governamental, localizada no Bairro do Zambujal, que tem como objetivo a promoção do desenvolvimento humano e o bem-estar, através do acompanhamento personalizado a crianças e jovens oriundos de meios familiares e sociais fragilizados, bem como às suas famílias, veiculando valores humanistas, assentes nos princípios da justiça, equidade, liberdade, solidariedade e autorrealização.



© Mário Cruz



© Associated Press

ENTREVISTA A MARIO FERRI: O PIRATA DO BEM

Ficou conhecido mundialmente por ter invadido o jogo entre Portugal e o Uruguai, no Mundial de Futebol do Catar, com uma bandeira LGBTQ+ e mensagens em defesa da Ucrânia e dos direitos das mulheres iranianas. O italiano Mario Ferri usa o futebol para disseminar mensagens de paz, ainda que isso já lhe tenha valido múltiplas deportações, multas e horas passadas em esquadras de polícia.

HUMANISTA TODO O ANO

5%
DESCONTO

ASSINATURA ANUAL / 28,50€

RECEBA 4 EDIÇÕES DA REVISTA EM SUA CASA.

FAÇA A SUA ASSINATURA EM:

WWW.AMNISTIA.PT/HUMANISTA



10% DESCONTO
PARA MEMBROS
E APOIANTES / **27€**



A REVISTA HUMANA DA

**AMNISTIA
INTERNACIONAL**



AMNISTIA INTERNACIONAL PORTUGAL X LUSH

No fim de semana de 15 e 16 de abril, a loja Lush no Centro Comercial Colombo recebeu a Amnistia Internacional – Portugal, no âmbito do evento *Charity Pot*.

Durante estes dias, as vendas em loja do produto *Charity Pot* – a loção mais hidratante da marca, reverteram para a “Crianças em Fuga”, a campanha de consignação de IRS deste ano.

Além das vendas deste produto, que se prolongaram até dia 21 de abril (apenas na loja *online*), a presença da Amnistia Internacional na loja permitiu a sensibilização e mobilização do público em geral, promovendo as várias campanhas e o trabalho realizado através de diálogo direto com clientes.

A Amnistia Internacional – Portugal está atualmente a desenvolver novos formatos de parceria com empresas e a aceitar propostas e sugestões para criar relações corporativas com impacto. Se tem ou conhece uma empresa interessada em trabalhar connosco, pode agora contactar-nos diretamente!





© DR



SENEGAL

JUSTIÇA PARA FAMÍLIAS DE VÍTIMAS MORTAIS EM PROTESTOS

Desde 2021, as famílias das pessoas mortas durante as manifestações aguardam por uma compensação pelas violações dos direitos humanos de que os seus entes foram vítimas. A estas famílias juntaram-se recentemente mais de vinte outras que acabaram de perder um ente querido morto durante as manifestações de junho de 2023.

Ousmane Badio, de 17 anos, é uma das vítimas recentes da violenta repressão dos protestos no Senegal. Foi morto a tiro no dia 1 de junho em Ziguinchor, no sul do Senegal. O tio e o avô de Ousmane afirmaram foi alvejado a 200 metros da sua casa, em Korentas. De acordo com os testemunhos recebidos pelos seus familiares, foi um polícia que disparou sobre Ousmane. Desde esse dia, o seu pai está em estado de choque e não consegue falar; Ousmane era o seu filho mais velho.

Em março de 2021, 14 pessoas tinham sido mortas nos protestos. Até à data, as autoridades senegalesas ainda não têm respostas para as famílias destas vítimas.

Junte o seu apelo às autoridades senegalesas para exigir que cumpram as promessas de justiça feitas ao povo senegalês.

PARTICIPE

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.amnesty.org/en/petition/justice-pour-les-personnes-tuees-lors-de-manifestations-au-senegal/

© Pexels



UNIÃO EUROPEIA

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL DEVE RESPEITAR OS DIREITOS HUMANOS

Os sistemas de Inteligência Artificial (IA) já chegaram às ruas: são capazes de nos monitorizar, de nos identificar em espaços públicos, de “prever” as nossas emoções e a probabilidade de cometermos atos criminosos. São também utilizados para redirecionar a polícia e o controlo da imigração para zonas já sobrevigiadas. Infelizmente, isto facilita as violações dos direitos humanos, como o direito de requerer asilo e a presunção de inocência, e encoraja a discriminação.

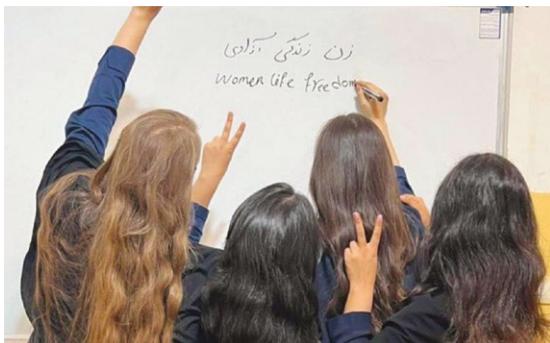
É urgente que os sistemas de IA sejam devidamente regulamentados. Caso contrário, corremos o risco de que a má utilização desta tecnologia aumente a desigualdade e a discriminação, que as autoridades tomem decisões sem responsabilidade e que as grandes empresas tecnológicas tenham todo o poder sobre a IA.

O Parlamento Europeu apresentou uma proposta de lei sobre a Inteligência Artificial, que deve garantir que o seu desenvolvimento e a sua utilização sejam responsáveis, transparentes e respeitem os direitos humanos.

Junte o seu apelo para exigir uma lei europeia sobre Inteligência Artificial que respeite os direitos humanos.

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.es.amnesty.org/actua/acciones/inteligencia-artificial-derechos-humanos-may23/#ai-accion-firma



IRÃO

MILHÕES DE RAPARIGAS EM RISCO DE ENVENENAMENTO

Mais de 13 mil raparigas de mais de 100 escolas no Irão foram hospitalizadas com tosse, dificuldades respiratórias, irritação do nariz e da garganta, palpitações, dores de cabeça, náuseas, vômitos e membros dormentes. Foram alegadamente envenenadas.

Os ataques ao direito à saúde e à educação de milhões de raparigas estão a ir cada vez mais longe. São um “castigo” a alunas por terem participado pacificamente nos protestos que eclodiram em todo o país em setembro de 2022, nos quais milhares de estudantes realizaram atos de protesto, entre os quais a remoção do *hijab* obrigatório e a exibição do cabelo em público, enquanto usavam uniforme escolar. As autoridades tentaram encobrir a gravidade dos ataques, ainda não efetuaram investigações eficazes e independentes e não tomaram medidas substanciais para os impedir.

É necessário que as autoridades iranianas investiguem todos estes envenenamentos, identifiquem os seus autores e os levem a tribunal. Só então será garantido o acesso livre e seguro das raparigas à educação e a sua proteção contra todas as formas de violência.

Junte o seu apelo para exigir uma investigação aos envenenamentos de raparigas iranianas.

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.es.amnesty.org/actual/acciones/iran-ninas-envenenadas-abr23/?origen=banner_ciber_envenenamientosiran



COLÔMBIA

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NÃO É UM CRIME, É UM DIREITO!

A 28 de abril de 2021, milhares de pessoas saíram às ruas em várias cidades colombianas para exigir os seus direitos. Mulheres, jovens, defensores dos direitos humanos e pessoas LGBTIQ+ lideraram os protestos com coragem e determinação, procurando um futuro melhor.

Em vez de os ouvir, o Estado colombiano, através das suas forças de segurança, utilizou armas letais que feriram jovens na zona do rosto, alguns deles com mazelas para a vida no que diz respeito à visão.

As autoridades também se aproveitaram da situação para dispersar as manifestações, enquanto as mulheres e as pessoas LGBTIQ+ na multidão fugiam e tentavam proteger-se do gás lacrimogéneo e dos tiros. Foram molestadas, insultadas e violadas.

Envie uma mensagem ao governo colombiano e exija que avance com a reforma da polícia de uma forma participativa e inclusiva, para que as pessoas tenham direito à Liberdade de Expressão, sem medo e com direitos!

Assine e envie o postal que se encontra nas páginas centrais ou assine *online* em:

www.amnesty.org/en/petition/alzar-la-voz-no-es-un-crimen-es-un-derecho/

O AMIGO ZAZANO E A AUSÊNCIA DA OPORTUNIDADE

Zazano era um miúdo que desenhava extraordinariamente bem. Frequentava uma escola primária na zona da Terra Branca, a pouco mais de 800 metros da Várzea da Companhia, na cidade da Praia, em Cabo Verde. A escola era branca por fora, tinha um pátio e não tinha muitas plantas. Mas era uma escola feliz. Acreditamos que todos nós guardamos uma lembrança genericamente feliz das nossas escolas primárias.

Atualmente, Zazano perambula pelas ruas da cidade da Praia, vivendo como um sem-abrigo. Devido à falta de recursos financeiros, os seus pais foram obrigados a retirá-lo da escola no 6.º ano. Infelizmente, sabe-se que não prosseguiu os seus estudos e agora enfrenta a realidade de viver na rua.

Zazano desenhava muito bem e sempre inspirava a crença de que daria um extraordinário arquiteto. Não estudou arquitetura e hoje, faz parte dos que nós deixámos para trás. Conforta-nos a alma dar, de vez em quando, uma moeda a um sem-abrigo. Mas não deixa de ser uma falha nossa, uma falha coletiva.

Pensarmos no Zazano leva-nos a dizer para nós próprios e em silêncio que o percurso do Zazano poderia ser o nosso percurso e que este mundo está repleto de Zazanos; os pais que não conseguem criar oportunidades para os filhos e um Estado que não cuida dos mais vulneráveis. A pobreza condiciona a vida das pessoas em vários sentidos. Muitos dirão que o mundo está repleto

de pessoas que, nascidas num contexto de pobreza, conseguiram vencer por mérito próprio. Acreditamos, tal como o leitor certamente acreditará, que todas as pessoas têm o direito de concretizarem plenamente o seu potencial.

Existem outros Zazanos por aí; Zazanos que morrem afogados ao tentarem chegar à Europa. Desde 2014, 26,924 mil migrantes já perderam a vida no Mediterrâneo¹.

São mais de 26 mil vidas perdidas; mais de 26 mil histórias de vida; mais de 26 mil pessoas que deixaram de concretizar o seu sonho e de concretizarem o seu potencial; mais de 26 mil pessoas que tinham um nome, um passado e cujo telefone certamente tocaria, indicando o nome do pai, da mãe, da mulher, do marido, do filho ou simplesmente de um amigo para perguntar como tinha corrido a viagem. Uma viagem que, como sabemos, é praticamente uma viagem suicida. Hoje em dia, tornou-se comum aceitar essa viagem suicida e, achamos “normal” deixar que pessoas como nós, pereçam nas águas europeias. Poucos já ficam chocados ao saberem que estas mortes continuam a acontecer aqui ao nosso lado. Atualmente, está em cima da mesa o endurecimento de políticas de asilo no contexto europeu e, ao mesmo tempo, assistimos um pouco por toda a Europa a políticas anti-imigração suportadas, em larga medida, por cidadãos europeus que têm uma perceção negativa em torno dos movimentos migratórios.



© Krisztian Tabori



Quando estas tragédias acontecem, somos inevitavelmente inundados – pelo menos queremos crer que sim – por um sentimento de frustração e reconhecimento das inconseqüências das nossas ações. Mas achamos que, mesmo assim, é importante fortalecermos o nosso trabalho para contrariar este manto de silêncio e ineficácia da ação das autoridades. As decisões políticas não são concretizadas no vazio, mas sim num contexto de apoio popular e faz sentido que engrossemos a fila dos que entendem que uma sociedade indiferente não é o tipo de sociedade em que queremos viver e deixar para os filhos.

Este desígnio é complexo e exigente, mas passa por uma dimensão que tem uma forte ligação com a história de Zazano; a necessidade de eliminarmos a pobreza nos países de onde saem uma parte significativa destes migrantes; passa por criar as oportunidades em todas as geografias, permitindo com que o fenómeno migratório não ocorra num contexto de ausência de oportunidades, cuja única alternativa é embarcar numa viagem suicida.

Hoje, temos condições de fazer muito melhor em torno da proteção da vida humana. Uma das coisas mais bonitas que temos neste mundo é a pessoa humana, com a sua complexidade, com a sua claridade, mas também com a sua dimensão mais sombria. Mesmo assim, existe sempre a possibilidade de ampliarmos a parte da claridade, deixando que os Zazanos possam vir a ser arquitetos, canalizadores, engenheiros ou simplesmente de não os deixar tornarem-se sem-abrigo ou morrerem algures no Mediterrâneo.

1. Fonte OIM – Organização Internacional para as Migrações - [Mediterranean I Missing Migrants Project \(iom.int\)](http://www.iom.int)

UM JOGO DE *FAIR-PLAY* ATIVISTA

O projeto “Eu Jogo Pelos Direitos Humanos”, desenvolvido pela Amnistia Internacional Portugal, teve como objetivo promover e consciencializar para os direitos humanos através do desporto, com foco inicial no futebol. Contou com a participação de diversas entidades governamentais, a Federação Portuguesa de Futebol, a Liga Portuguesa de Futebol Profissional, associações de jogadores, treinadores e árbitros, entre outros parceiros.

A promoção da igualdade, a justiça e o respeito pelo outro por meio do desporto, aproveitando a sua influência na sociedade, foram as grandes premissas do projeto “Eu jogo pelos Direitos Humanos”, com a Amnistia Internacional Portugal e os parceiros envolvidos a realizarem ações de sensibilização e educação para os direitos humanos em diferentes modalidades desportivas, mas com foco no futebol, direcionadas a agentes desportivos, adeptos e público em geral ao longo da época 2020/2021.

O projeto visava também destacar a importância dos direitos humanos no desporto e abordar questões como violência, racismo, discriminação, discurso de ódio e tráfico de seres humanos, que têm sido observadas em contextos desportivos. Dessa forma, procurámos promover mudanças de atitudes e reforçar a educação para os direitos humanos.

MOBILIZAR PELOS DIREITOS HUMANOS

No âmbito do projeto, a organização realizou uma série de atividades concretas, com o objetivo de consciencializar e mobilizar para o tema em questão:

Ações de consciencialização:

Desenvolvemos campanhas digitais e online, com conteúdos relacionados com os direitos humanos e o desporto. Essas campanhas procuraram alcançar um público amplo, incentivando os fãs do futebol para se envolverem e refletirem sobre as questões sociais e de direitos humanos em questão.

Eventos temáticos: A Amnistia Internacional Portugal organizou eventos desportivos temáticos, nos quais foram abordadas questões como discriminação racial, igualdade de género, inclusão social e direitos das crianças. Estes eventos procuraram sensibilizar o público, enquanto



promoveram a prática desportiva e a participação ativa.

Campanhas com atletas e organizações desportivas:

A organização envolveu atletas, clubes e organizações desportivas, com a participação de atletas em campanhas de consciencialização, o uso da sua presença nas redes sociais para promover mensagens relacionadas aos direitos humanos e a organização de eventos conjuntos. No final do projeto, foi criado um vídeo com o treinador nacional, Fernando Santos, também comemorando o Dia Internacional da Não Violência nas Escolas.

Palestras e workshops: A Amnistia Internacional Portugal realizou palestras e workshops em escolas de clubes, comunidades e centros desportivos, abordando temas como discriminação, inclusão e igualdade. Estas atividades visaram educar e sensibilizar os participantes sobre os



direitos humanos, incentivando-os a tornarem-se defensores ativos no seu dia a dia.

Distribuição de materiais educativos:

A organização distribuiu materiais informativos e educativos sobre direitos humanos relacionados com o desporto, como folhetos e cartazes. Esses materiais foram disponibilizados em eventos desportivos, escolas e outros locais para alcançar o público em geral e fornecer informações sobre os direitos humanos no contexto desportivo.

A par de tudo isto, lançámos e dinamizámos um manifesto para fazer do futebol e do desporto uma atividade de promoção dos direitos humanos e de união por um mundo melhor, que conta já com mais de 2800 assinaturas.

FUTEBOL E DIREITOS HUMANOS: SINERGIAS PARA UM MUNDO MELHOR

O Futebol tem uma enorme influência na nossa sociedade e, como tal, este efeito deve ser aproveitado para o bem comum e para a promoção e desenvolvimento de ações de responsabilidade social. O Futebol deve ser inclusivo e multicultural.

O futebol tem pontos em comum com os Direitos Humanos, no entanto, e simultaneamente, potencia comportamentos e ideais que desrespeitam completamente os DH.

Tendo em conta o clima de violência, desrespeito, racismo, intimidação e ameaças à integridade física (pessoal e familiar) aos agentes do futebol e o discurso de ódio que se tem sentido nos últimos tempos, a Amnistia Internacional vem apelar a todas as pessoas que se envolvam numa afirmação comum de respeito e promoção da igualdade, fraternidade e liberdade e justiça.

O QUE O FUTEBOL E OS DIREITOS HUMANOS TÊM EM COMUM?

- Regras (reconhecidas a nível mundial)
- Igualdade
- Equidade
- Justiça
- Respeito pelo outro
- Pessoas / Entidades cuja função é gerir “o jogo” e fazê-lo cumprir de acordo com as regras

O QUE EXISTE NO FUTEBOL QUE CONTRARIA OS FUNDAMENTOS DOS DIREITOS HUMANOS?

- Racismo
- Discriminação
- Ameaças à integridade física (pessoal e familiar)
- Discurso de ódio
- Tráfico humano

O “11 TITULAR”

O “11 Titular” ligou o projeto ainda mais ao campo do futebol, criando uma equipa com 11 valores que a organização considera fundamentais na promoção dos direitos humanos pelo desporto. Os jogadores da equipa expressam os seguintes valores fundamentais, baseados na Declaração Universal dos Direitos Humanos:

JOGADOR 1 - FRATERNIDADE

Todos os seres humanos nascem iguais em dignidade, e qualquer diferença de tratamento é discriminação. No futebol, todos devem ser tratados de igual forma.

JOGADOR 2 - IGUALDADE

Independentemente de origem, cor, religião, partido político, ideologia, nacionalidade, classe social, riqueza ou pobreza, todos somos iguais em direitos e liberdades. O respeito mútuo é essencial.

JOGADOR 3 - VIDA, LIBERDADE E SEGURANÇA

Todos têm o direito de viver livremente e com segurança. Isso aplica-se ao futebol, onde todos devem sentir-se seguros em jogos e no dia a dia.

JOGADOR 4 - FUTEBOL LIVRE

É necessário combater a exploração e o tráfico de seres humanos no futebol, garantindo que ninguém seja mantido em escravidão ou servidão.

JOGADOR 7 - PROTEÇÃO

O discurso de ódio e o incitamento à violência são crimes e não têm lugar no futebol. Todos devem receber igual proteção legal perante estes crimes. Sem discriminação.

JOGADOR 8 - JUSTIÇA

As pessoas devem ter acesso a recursos judiciais efetivos quando se sentirem ofendidas, discriminadas ou atacadas. A reparação é fundamental.

JOGADOR 12 - SEGURANÇA

A violência física e verbal não deve ser tolerada. O futebol deve ser um ambiente seguro para todos os envolvidos e uma celebração de fair-play.

JOGADOR 13 - LIVRE CIRCULAÇÃO

Todos devem ter o direito de se deslocar livremente, sem serem vítimas de exploração. É urgente combater o tráfico de seres humanos e a exploração laboral no desporto.

JOGADOR 23 - TRABALHO DIGNO

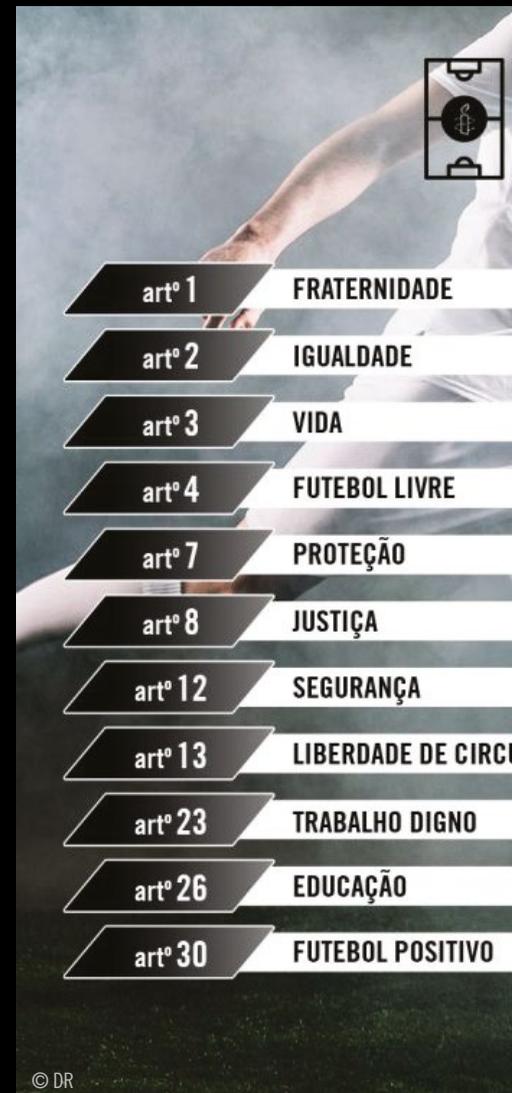
Todos os envolvidos no futebol devem receber condições de trabalho justas e salários dignos.

JOGADOR 26 - EDUCAÇÃO

Todos têm direito à educação, gratuita no ensino fundamental. A educação deve promover direitos humanos e tolerância entre as nações. O desporto e o futebol de formação são sobretudo educativos, pretendendo capacitar os jovens para a prática de desporto coletivo, para hábitos de saúde física e psicológica, bem como para o saudável convívio e construção de relações sociais adequadas.

JOGADOR 30 - FUTEBOL POSITIVO

O futebol deve promover respeito pelos direitos humanos, não comprometendo esses valores. Todos os envolvidos têm a responsabilidade de combater o racismo, a violência e a discriminação.



EU JOGO PELOS DIREITOS HUMANOS

#EUJOGOPELOSDIREITOSHUMANOS

ULAÇÃO



WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=1JDUKQHRM60

VEJA, REVEJA, PARTILHE!

VEJA O VÍDEO QUE MOSTRA QUE O FUTEBOL, OS ATLETAS E OS AGENTES DESPORTIVOS PODEM SER UM EXEMPLO PARA A SOCIEDADE. UM EXEMPLO DE EDUCAÇÃO E DE RESPEITO PELA LIBERDADE, IGUALDADE E INCLUSÃO. UM EXEMPLO DE EDUCAÇÃO PARA OS VALORES HUMANOS, QUE REPUDIA QUALQUER TIPO DE VIOLÊNCIA OU DISCURSO DE ÓDIO.

O QUE PODE FAZER

ASSINE O NOSSO MANIFESTO:

Acreditamos que o futebol e o desporto têm o poder de unir as pessoas, superar diferenças e promover valores fundamentais. É por isso que pedimos a sua participação neste manifesto, assinando-o e apoiando a transformação do futebol, para uma atividade impulsionadora dos direitos humanos e da união por um mundo melhor. Juntos, podemos lutar contra o racismo, a discriminação e a violência, garantindo igualdade, respeito e justiça para todos os envolvidos no desporto. Ao assinar este manifesto, estará a contribuir para uma mudança significativa, mostrando que o futebol pode ser uma força positiva que transcende fronteiras, culturas e diferenças, inspirando uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa. Assine agora e faça parte dessa transformação!

WWW.AMNISTIA.PT/PETICAO/EU-JOGO-PELOS-DIREITOS-HUMANOS/



ROSTOS DE ATIVISMO

MARIA UMBELINA

Membro da Amnistia Internacional Portugal há 15 anos

A Umbelina é nossa ativista há vários anos, extremamente envolvida nas nossas causas e nos nossos apelos. A sua presença acrescenta-nos muito e não poderíamos deixar de agradecer os 15 anos do seu esforço por um mundo mais livre.

Recorda-se de como começou o seu percurso na Amnistia Internacional?

Entrei em contacto com a AI porque achei que faziam um bom trabalho.

Ao longos destes anos assinou cerca de 240 petições organizadas pela Amnistia. O que a leva a envolver-se nestas causas?

Talvez ingenuamente, continuo a acreditar que é possível praticar o conceito de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. É um processo diário, tão lento que até dói, são dois passos à frente e um atrás, e muitas vezes parece que é um passo à frente e dois atrás; mas não é, basta só pensar como era o mundo há 100 anos.

O que faz para estar a par do que se passa no mundo em matéria de direitos humanos?

Não preciso fazer nada para estar a par do que se passa no mundo em matéria de direitos humanos. Basta estar minimamente informado, basta olhar à volta, até neste nosso país “civilizado”.



Porque decidiu tornar-se tanto apoiante como membro da Amnistia?

Tornei-me membro da AI porque acho que dizer que se concorda com algo sem se apoiar de acordo com as nossas possibilidades e capacidades não é coerente.

Porque considera importante fazer um donativo regular?

Faço um donativo regular porque há despesas regulares, portanto é lógico que se possa contar com entradas regulares, e a AI passou, portanto, a fazer parte das minhas despesas regulares tal como a água, eletricidade, comida e livros.

Já nos deixou a indicação de que considerou a Amnistia Internacional Portugal no seu testamento,

manifestando o seu desejo em deixar um legado em direitos humanos. O que a fez tomar essa decisão?

Decidi considerar a AI no meu testamento porque quero continuar a apoiar a luta pela dignidade humana mesmo já sem possibilidades nem capacidades...

Que mensagem gostaria de transmitir às pessoas que vão ler o seu testemunho?

Não tenho mensagens a transmitir para ninguém, cada qual tem de “falar” consigo próprio e, na medida das suas possibilidades e capacidades, agir em conformidade com a sua consciência.

Muito obrigada Umbelina, pela sua dedicação e bondade. Já faz parte, há muito tempo, da vida da Amnistia Internacional!



Contemplar a Amnistia Internacional na sua herança

O seu legado por direitos humanos continuará a salvar vidas!

A morte pode, efetivamente, ser uma das condições universais que pode espoletar nas pessoas várias sensações negativas, desde medo, angústia e/ou ansiedade. Contudo, podemos (e queremos!) garantir que continuamos a impactar o mundo de modo positivo, mesmo depois da nossa vida estar concluída.

Muitas pessoas não sabem, mas podemos considerar a Amnistia Internacional como uma das beneficiárias no seu testamento.

GOSTARIA DE SABER MAIS INFORMAÇÕES?

Envie um e-mail ao cuidado de Ângela João para aiportugal@amnistia.pt e entraremos em contacto direto consigo.

COMO CONSIDERAR A AMNISTIA INTERNACIONAL BENEFICIÁRIA NA SUA HERANÇA?

Assim que tomar a decisão de avançar com a sua vontade de doar uma parte da sua herança, deve considerar vários pontos:

- 1 | Entre em contacto connosco para que o possamos auxiliar no processo. Estamos aqui para tirar dúvidas e procurar soluções consigo.
- 2 | Para que possa considerar a AI como beneficiária, deve fazer o seu testamento, e neste pode documentar os bens que deseja que sejam concedidos após a sua partida.
- 3 | Designe uma pessoa que deverá garantir o cumprimento do seu testamento e informe essa pessoa de que foi nomeado para tal.
- 4 | É importante que, após a partida do testador, a pessoa designada para a execução do testamento, informe a Amnistia Internacional de que é beneficiária, para que, deste modo, nos seja possível avançar em conformidade com a vontade do testador e conteúdo do testamento.



ENCONTRO DE JOVENS ATIVISTAS

Encontro de Jovens Ativistas: cinco dias de tudo

Entre os dias 12 e 16 de julho de 2023, a Amnistia Internacional vai organizar - na Serra da Estrela - o Encontro de Jovens Ativistas (EJA), um espaço de aprendizagem, encontro e ativismo destinado a jovens entre os 14 e os 24 anos. Mais informações sobre o EJA 2023 em www.amnistia.pt/eja

**Desafiámos a
Inês Diogo, que
participou no EJA
2022, a partilhar aqui
o seu testemunho
sobre a experiência.**



Saber mais sobre o EJA

www.amnistia.pt/eja

Pediram-me para falar sobre o EJA e tornou-se uma tarefa difícil, achei-me perdida à procura de palavras para o descrever, sem sucesso. Não há palavras que descrevam cinco dias e quatro noites de puro “tudo”, porque isso é o EJA, um misto de sentimentos e sensações para os quais ainda nem inventaram nomes, talvez seja um sentimento por si só. O EJA é nada mais e nada menos que o EJA. Consegui, por fim, culminar este misto de sentimentos e sensações numa expressão de três palavras: “céu na terra”. O EJA sabe como um cantinho de paz à parte de tudo o resto, isolado e escondido, como estar dentro de

uma bolha de bondade, positividade e aceitação durante cinco dias. Passou a fazer parte da minha vida e atribuí-lhe todo um significado, trouxe-me experiências que nunca imaginei precisar. Fez-me crescer.

O programa centra-se na partilha e discussão, tal como na aprendizagem sobre os Direitos Humanos e como os promover fora do EJA. Em 2022 focámo-nos no conflito ucraniano, debatemos também sobre outros, como o do Myanmar, da Palestina e da Síria. Neste sentido, tivemos a oportunidade de ouvir a Dzvenyslava Shcherba, uma ativista ucraniana de Kiev,



coordenadora de ativismo da secção da Ucrânia da Amnistia.

Voltei a ouvir o testemunho do Ahmad Omar, um refugiado sírio que tive o prazer de conhecer em 2017, numa altura em que ele ainda não falava português. Sentir a diferença de compreender diretamente a sua experiência, fez com que o ouvíssemos com o coração e com mais empatia, uma vez que a sua história foi contada na primeira pessoa.

Uma das coisas mais bonitas do EJA é aprendermos uns com os outros, ensinar e ser ensinado, é algo que

o leque variado de participantes e monitores nos proporciona. Fui confrontada com novas realidades e pessoas de todos os tipos, muitas com as mesmas experiências que eu, o que a certo ponto contribuiu para o meu autoconhecimento.

Criei ligações super genuínas, puras e autênticas, com base na nossa causa em comum - estamos todos ali para o mesmo, aprender sobre Direitos Humanos e lutar por eles, a ligação é quase automática. Ganhei amigos nos quais tenho plena confiança e cinco dias com eles pareceram uma vida toda, para além daqueles que pude rever, por ser repetente no EJA desde 2019. Falar não se torna um problema e o facto de as pessoas não nos conhecerem e não terem ideias pré-concebidas sobre nós torna-se libertador. Somos divididos por equipas, que se tornam mini famílias durante o encontro – partilhamos e refletimos juntos, entretajudamo-nos. Isto é a essência do EJA. O EJA não é um programa, são as pessoas.

Deram-nos a liberdade de nos fazermos ouvir e falar sobre temas que nos interessavam. Pudemos dinamizar sessões sobre o que quiséssemos, e eu agarrei essa oportunidade e propus uma conversa sobre identidade de género, um tema muito curioso e pessoal para mim na altura. Cerca de 20 pessoas juntaram-se a mim para debater este assunto e fez-me extremamente feliz saber que não estava sozinha nesta “procura por respostas” e interesse geral no assunto. Houve testemunhos fantásticos e trocas de ideias, tornando-se um espaço seguro para perguntas, sem qualquer julgamento; mais uma vez, trocámos conhecimentos e aprendemos uns com os outros.

Aprendemos sobre outras organizações ativistas através dos testemunhos de participantes que nos falaram um

pouco das suas experiências, como a Greve Climática Estudantil, por exemplo.

O programa incluía momentos de reflexão, de trabalho, de partilha e de aprendizagem, tempo para brincar, para descansar e até tempos livres, que podíamos aproveitar como quiséssemos. Isso foi uma das coisas boas que um EJA de cinco dias nos deu, a oportunidade de conjugarmos e balançarmos todos estes momentos, tornando o encontro muito mais leve. As atividades que nos entretinham eram basicamente três: nadar na piscina da pousada, fazer sextas à sombra das árvores, e brincar com os dois gatinhos que resgatámos, o Pace e o Pablo, e que as queridas senhoras da pousada adotaram depois do EJA acabar.

A oportunidade de sabermos mais sobre o trabalho bastante diversificado da Amnistia também surgiu, com uma atividade chamada Biblioteca Humana. A curiosidade acabou por me levar a ficar no mesmo “livro” durante toda a atividade e acabámos por fugir para outros temas várias vezes. Esta conversa despertou em mim uma vontade de me envolver mais com a Amnistia e de maneira mais direta – acho que este diálogo me abriu portas e continuará a abrir ao longo do meu percurso como ativista. Durante este ano tenho tido várias oportunidades de “colaborar” com a Amnistia, tal como escrever este artigo, que é apenas um pedacinho da experiência do EJA.

Falando agora do pós-EJA, é difícil sairmos desta bolha que falei no início – somos confrontados com um mundo feio e cruel. A verdade é que, se o mundo fosse metade daquilo que o EJA é, viveríamos todos num lugar melhor, mas, não o sendo, aproveito para enfrentar isso como um desafio e pôr em prática aquilo que o encontro me deu. Usarei a minha voz para me fazer ouvir, gritarei e lutarei pelos Direitos Humanos sempre que seja necessário até ao dia em que a vida me silenciar para sempre.



BOAS NOTÍCIAS



Raif Badawi libertado após dez anos de prisão

O “blogger” e ativista saudita Raif Badawi foi libertado ao fim de dez anos, por ter defendido o fim da influência da religião na vida pública na Arábia Saudita, país onde cumpriu a pena.

O antigo laureado com o prêmio Repórteres Sem Fronteiras (RSF) para a liberdade de imprensa foi condenado - no final de 2014 - a dez anos de prisão e a 50 chicotadas por semana durante 20 semanas por “insulto ao Islão”.

Na altura, Badawi, agora com 38 anos, tornou-se mundialmente um símbolo da liberdade de expressão. A mulher e os três filhos, que se tornaram cidadãos canadianos, residem no Quebec. Ensaf Haidar luta desde há anos pela libertação do marido e para que ele possa reunir-se com a família no Canadá.

Apesar da libertação, Raif Badawi está proibido de abandonar a Arábia Saudita durante dez anos, depois de cumprida a pena de prisão.

© Marcell Nimfuehr / Kollektiv Fischka

Burundi libertou cinco defensores dos direitos humanos

Cinco defensores dos direitos humanos no Burundi, detidos desde fevereiro por “rebelião” e “atentado à segurança interna do Estado”, foram libertados um dia depois do julgamento em que a maior parte das acusações foram retiradas, segundo fontes concordantes. O julgamento decorreu na presença de vários diplomatas ocidentais, segundo testemunhas no local.

Apesar da situação deplorável dos direitos humanos no Burundi, a União Europeia (UE) e os Estados Unidos da América (EUA) retomaram a ajuda ao país empobrecido, citando os progressos registados pelo Presidente, Evariste Ndayishimiye, que tomou posse em 2020. Ndayishimiye está paulatinamente a pôr termo ao isolacionismo do Burundi, estabelecido pelo seu antecessor Pierre Nkurunziza (2005-2020), durante a vigência do seu regime caótico e sangrento.



© DR

Tanaice Neutro libertado

Gilson da Silva Moreira, mais conhecido por “Tanaice Neutro”, foi libertado a 23 de junho após vários apelos da sociedade civil angolana e da Amnistia Internacional.

Depois de ter estado em prisão preventiva durante cerca de seis meses, contrariando a lei que estabelece um período de até 90 dias, foi injustamente acusado de vários crimes, tendo três das acusações sido, entretanto, retiradas por não terem fundamento.

Recorde-se que a Amnistia Internacional Portugal desenvolveu uma forte ação e entregou na Embaixada de Angola, em Lisboa, uma petição assinada por cerca de 2.200 pessoas a pedir a liberdade do ativista, que estava preso desde Janeiro do ano passado.



© DR



© AlexChanTszYuk

Chow Hang-Tung vence Prémio Gwangju de Direitos Humanos

A ativista Chow Hang-tung, um dos casos da última edição do projeto Maratona de Cartas, venceu o Prémio Gwangju de Direitos Humanos, referente ao ano de 2023. Este prémio, instituído em 2000, é atribuído pela Fundação Memorial do 18 de maio da Coreia do Sul, com o objetivo de promover o espírito do Movimento de Democratização do 18 de maio. É concedido a indivíduos e organizações que tenham contribuído significativamente para o desenvolvimento dos direitos humanos, da unificação, da solidariedade e da paz.

Chow Hang-tung é uma advogada dedicada a proteger os direitos humanos e os direitos laborais na China. Em 2021, enquanto vice-presidente da extinta Aliança de Hong Kong de Apoio aos Movimentos Patrióticos Democráticos da China, incentivou pessoas a assinalarem a data do massacre de Tiananmen de 1989 nas redes sociais, acendendo uma vela pelas vítimas. Foi detida por esta iniciativa.

No âmbito da campanha do governo de Hong Kong para silenciar os ativistas, o pretexto para a detenção de Chow Hang-tung foi devido ao seu comportamento de “ameaça à segurança nacional”. A 9 de setembro de 2021 foi ainda acusada de “incitamento à subversão” e pode enfrentar uma acusação adicional de até dez anos, de acordo com a Lei de Segurança Nacional de Hong Kong. Com este prémio a Chow Hang-tung, a Amnistia Internacional espera que a sua coragem inspire os ativistas oprimidos, os cidadãos de Hong Kong, e todos e todas que lutam pela liberdade e pelos direitos humanos.

O DESPORTO PODE (DEVE!) JOGAR PELOS DIREITOS HUMANOS!

O desporto tem a capacidade de unir pessoas de diferentes culturas e origens numa paixão em comum. Todavia, nem sempre consegue refletir os valores fundamentais dos direitos humanos, como a igualdade, dignidade e justiça.

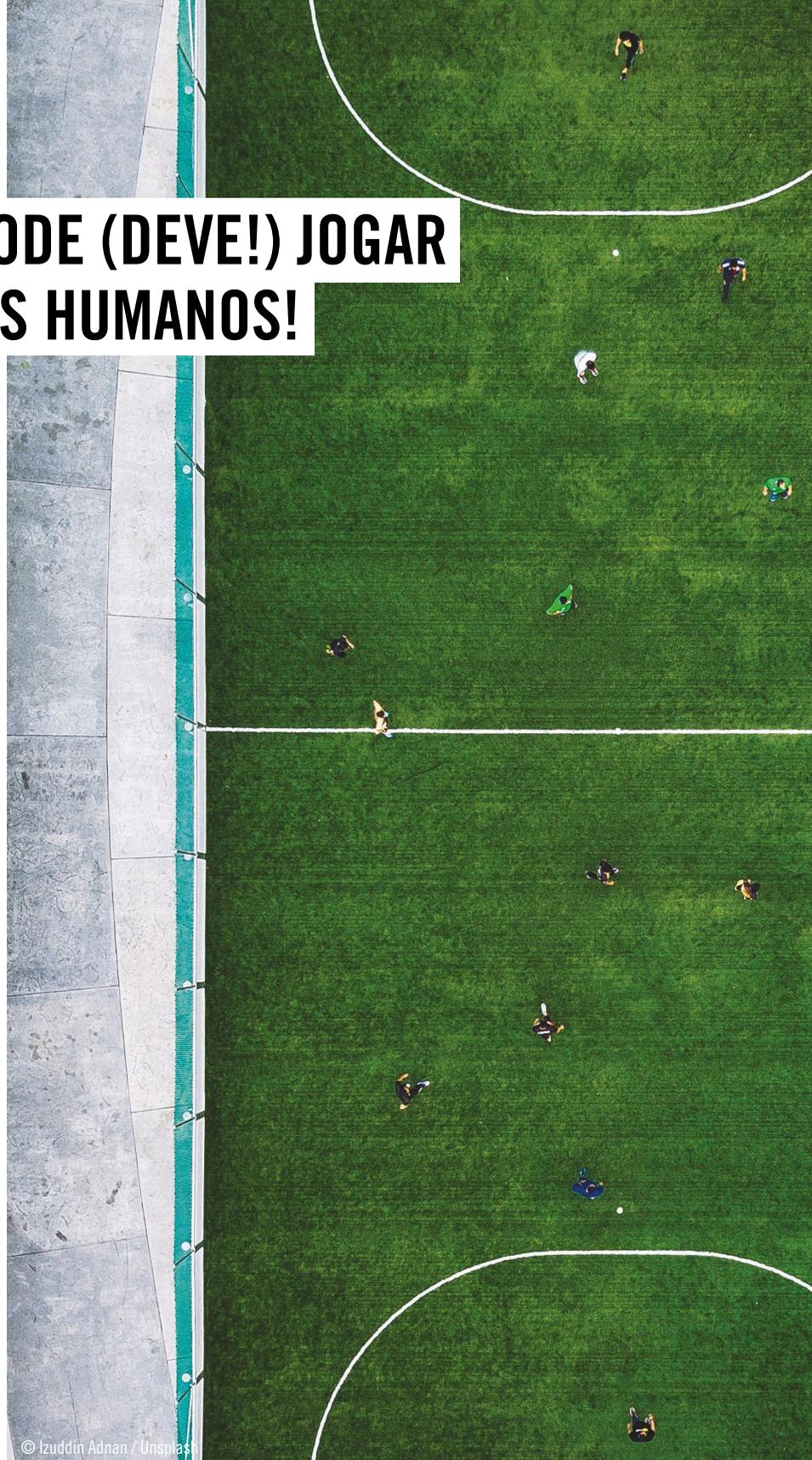
Assistimos a grandes desafios, no que toca à igualdade e identidade de género, na inclusão das mulheres e comunidade LGBTI+ que enfrentam barreiras em termos de acesso, reconhecimento e financiamento em várias modalidades desportivas.

É terreno fértil para o abuso e exploração de atletas, seja a nível profissional ou nas categorias de base, nos jovens talentos que enfrentam condições de trabalho abusivas, privação de direitos e violações da sua dignidade.

Atletas, treinadores e fãs são frequentemente alvo de discurso de ódio, racismo, homofobia, preconceito e abuso.

A Amnistia Internacional tem trabalhado globalmente para promover uma mudança significativa nos agentes e organizações mundiais desportivas e dotar o desporto de um real compromisso com os direitos humanos.

Apelamos, repetidamente, à comunidade internacional para que não participe em campanhas de sportswashing e que as grandes





Atletas, treinadores e fãs são frequentemente alvo de discurso de ódio, racismo, homofobia, preconceito e abuso.

organizações mundiais, como a FIFA e Comitê Olímpico Internacional (COI), aumentem a sua consciencialização na escolha de países anfitriões de grandes eventos desportivos.

O governo chinês, por exemplo, apresentou diversas promessas, antes de acolher os Jogos Olímpicos de Pequim, como garantir o respeito pela liberdade dos meios de comunicação, direitos laborais, “deslocação” e segurança nas manifestações pacíficas durante os Jogos. Promessas que nunca se cumpriram!

Antes dos Jogos olímpicos, a Amnistia Internacional lançou a sua campanha “Libertem os Cinco” (Free the Five) que divulgava a detenção de 5 ativistas por exercerem o seu direito à liberdade de expressão: Zhang Zhan, Ilham Tohti, Li Qiaochu, Gao Zhisheng e tibetana Rinchen Tsultrim.

Em 2016, a FIFA adicionou uma cláusula de cumprimento dos direitos humanos aos seus estatutos e comprometeu-se, publicamente, com as equipas e nações, nesta missão, com a mesma determinação dos seus interesses comerciais. Nos anos seguintes, escolheu a Rússia, Catar e Estados Unidos da América como países anfitriões do maior evento desportivo mundial, o campeonato do mundo de futebol, fechando consecutivamente os olhos às violações de direitos humanos cometidos por estes países.

Denunciámos claras violações de direitos humanos, de tortura e detenção de ativistas que promoviam a liberdade de expressão, inclusão e igualdade das pessoas LGBTI+, profissionais do sexo, vítimas de violência doméstica e ex-prisioneiros no Mundial da Rússia, em 2018.

A nossa investigação e relatórios documentaram os graves abusos laborais e exploração dos mais de 1,7 milhões de trabalhadores migrantes que construíram os estádios e infraestruturas e receberam fãs e equipas no Campeonato do Mundo de 2022, no Catar.

A Amnistia Internacional tem consecutivamente mobilizado atletas, fãs, organizações desportivas e governos para promover a justiça e os direitos humanos no desporto.

O seu apoio continuará a ser essencial para o nosso trabalho que pretende, neste âmbito, contribuir para uma mudança positiva, por um mundo mais justo e igualitário.

A real mudança real só pode ser alcançada em comunidade. Unidos, podemos romper as barreiras, e promover uma cultura desportiva que reflita os valores universais dos direitos humanos.

JUNTE-SE A NÓS! DOE!



AMAR

É UM DIREITO HUMANO!

Hoje, nem todos temos o privilégio de amar e assumir a identidade de género livremente!

Ao redor do mundo as pessoas da comunidade LGBTI+ são discriminadas e atacadas! 64 países têm leis que criminalizam a homossexualidade e mais de uma dezena destes, punem com pena de morte.

Diariamente pessoas lésbicas, *gays*, bissexuais, transsexuais, intersexuais e *queer* são vítimas de **atos de violência, detenção, tortura e pena de morte simplesmente por amar! É tempo de agir e reivindicar os direitos de ser e de amar para todos!**

Manifeste-se contra a discriminação e violência que enfrentam diariamente.

DOE PELA LIBERDADE DE AMAR E SER!

Entidade: 21721

Referência Multibanco:

Montante: **o que puder**

Junte-se a nós pelo direito a amar, à vida, liberdade e segurança.

 **WAY 939 076 340** IBAN: PT50 0036 0103 99100000985 88

Envie, por favor, a indicação do seu donativo com o nome "AGIR - Amar LGBTI" para o e-mail info@amnistia.pt ou para Rua dos Remolares, 7, 2º, 1200-370 Lisboa para lhe podermos enviar mais informação sobre este conflito.

